

[ROTEIRO DE CINEMA]

O PRISIONEIRO

José Fernando Costa

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**



O PRISIONEIRO

José Fernando Costa



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Manuela Sanchez

Revisão

Eliane Arruda

Preparação dos arquivos e capa

Carlos Alexandre Venancio

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

C837p Costa, José Fernando.
O prisioneiro / José Fernando Costa. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
102 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-087-3 (impresso)
ISBN 978-65-5422-100-9 (e-book)

1. Dramaturgia. 2. Personagens. 3. Mistério. 4. Ficção. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 778
CDU 791.43

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Cinema.
2. Produção cinematográfica.

COSTA, José Fernando. **O prisioneiro**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

O PRISIONEIRO

José Fernando Costa

1. EXT./INT. ESTRADA/CARRO – NOITE

Um carro atravessa a estrada em meio à tempestade. O motorista, NICOLAU SANTANA (30-40 anos, barba rala, vestindo uma jaqueta preta sobre um camisa surrada), avista uma mulher, ANA CARRASCO (30-40 anos, loira, vestindo um casaco longo bege escuro), à beira da pista, acenando. Ela carrega um pequeno guarda-chuva já meio destruído. SANTANA encosta o carro. A mulher entra.

ANA

(Fechando a porta.)

Dá uma carona, amigo?

SANTANA

(Para si, amargurado.) Não sou seu amigo.

ANA

Quê?

SANTANA

Nada.

Ele manobra o carro e retorna à estrada.

SANTANA

Para onde?

ANA

hum?

SANTANA

Para onde você vai?

ANA

Para a rodoviária.

SANTANA

A rodoviária é descendo a serra. Eu estou subindo.

ANA

Nunca vim aqui.

SANTANA

Perdida?

ANA

Quem não?

SANTANA

De qualquer forma, nem dá mais para chegar por essa estrada, queda de barreira. (*Pausa.*) Você estava indo a pé até lá!?

ANA

Estava tentando carona, a chuva chegou antes.

SANTANA

Minha carona não vai ajudar muito.

ANA

É o que resta. (*Silêncio breve.*) Tem uma pousada adiante, com *néon* verde na entrada.

SANTANA

(*Confuso.*)

Você disse que nunca veio aqui antes.

ANA

Estava hospedada lá. (*Olha diretamente para SANTANA pela primeira vez.*) Te conheço de algum lugar?

SANTANA

Acho difícil. Sou de bem longe.

ANA

Eu também.

SANTANA

O que te traz aqui?

ANA volta a encarar a estrada.

ANA

Talvez o mesmo que traga você.

SANTANA a fita por um instante, ar de perplexidade. Uma luz verde incide sobre eles.

ANA

É aqui.

SANTANA

(*Encostando o carro.*) Vai ficar aqui mesmo?

Antes que SANTANA termine a manobra, ela já pega o guarda-chuva e faz menção de abrir a porta.

ANA

(*Sem olhá-lo.*) Obrigada.

SANTANA

É cara a hospedagem?

ANA

É bem simples, como tudo por aqui.

SANTANA

Talvez eu durma aí mesmo quando voltar da cidade.

Ela faz que vai abrir a porta novamente, mas estaca. Encara-o.

ANA

E você? que te traz aqui?

SANTANA

Negócios.

ANA

De longe? Nessa cidadezinha?

SANTANA

Tem oportunidade onde a gente menos espera.

ANA

(Insinuadora.)

Crime também. (Confuso, *SANTANA* se volta para ela. Silêncio breve. *ANA* torna a olhar para a estrada à frente.) A quarta Delegacia fica alguns quilômetros adiante, passando a ponte, bem na entrada da cidade.

ANA sai do carro batendo com força a porta.

2. INT. SAGUÃO DA POUSADA - NOITE

A porta de correr do saguão se abre. ANA, com cabelo e roupas encharcados, estaca tão logo a atravessa. Examina, temerosa, a inércia soturna do local. O recinto mais parece um bar meio decadente improvisado para receber hóspedes casuais. Há o balcão de uns quatro ou cinco bancos, algumas mesas com toalhas desbotadas e um sofá de dois lugares com o encosto já desfiado ladeado por um aquecedor de tempos passados. Pendendo atrás do balcão, um alvo repleto de dados, uma pintura encardida e um relógio adornam a parede.

No canto oposto ao da entrada, VALDEMAR (40 anos, corpulento, calvo, vestindo uma velha blusa de lã azul-marinho) se escora sobre um guichê atrás do qual uma dúzia de chaves pendem em nichos numerados. O recepcionista rabisca seu livrinho de palavras cruzadas. Um hóspede, MANUEL BANDEIRANTE (50 anos, cabelo e barba grisalhos, vestindo paletó cinza e camisa branca), toma cerveja preguiçosamente no balcão bem ao lado do guichê. Faz que não percebe a presença da intrusa que acaba de irromper no recinto.

ANA abandona o guarda-chuva no descanso à porta. Avança, hesitante, rumo ao guichê. O outro hóspede parece não reparar nela. VALDEMAR se ergue em seu nicho.

VALDEMAR

Boa noite, dona Ana.

ANA

Boa noite, Valdemar.

VALDEMAR

(Pegando uma chave.)

A senhora saiu nessa chuva...

ANA

(Recebendo a chave.)

Coisas para resolver na cidade. Você me consegue outra toalha?

VALDEMAR

Para já!

VALDEMAR abre um armário de chão sob o guichê e alcança uma toalha à hóspede.

ANA

Obrigada.

ANA sai por um corredor escuro à direita do guichê. Levando seu livrinho, VALDEMAR se dirige a BANDEIRANTE; posta-se do outro lado do balcão.

VALDEMAR

(Retirando a garrafa.) Vai outra?

BANDEIRANTE

Uhum.

VALDEMAR troca a garrafa. BANDEIRANTE espreita discretamente o corredor por onde ANA saiu.

VALDEMAR

Estranha, né?

BANDEIRANTE

Uhum.

VALDEMAR

Saiu do nada, nessa chuva. (*Pausa.*) Foi logo depois do senhor chegar. Você viu?

BANDEIRANTE

Uhum.

VALDEMAR se aproxima do hóspede.

VALDEMAR

(*Quase murmurando.*)

Acho que ela tem alguma coisa a ver com o cara preso.

BANDEIRANTE se ajeita. Encara VALDEMAR.

VALDEMAR

Ah, tem coisas aí!

BANDEIRANTE toma meio copo num gole.

BANDEIRANTE

Como é que você sabe?

VALDEMAR

O nome dela, Ana Carrasco. Carrasco. Não pode ser coincidência alguém me aparecer por esses cantos, hoje de manhã, com esse sobrenome. (*Pausa.*) Não deu nem um dia inteiro que mandaram o cara de volta para o xilindró.

BANDEIRANTE

Uhum.

VALDEMAR

Deve ser esposa, ou irmã, sei lá.

BANDEIRANTE

Carrasco não tem irmã.

VALDEMAR

Esposa então, que seja.

BANDEIRANTE

E por que ela ia vir aqui? Não iam transferir o preso de volta hoje?

VALDEMAR

Não sei, talvez algo urgente para falar com o sujeito. Mas que tem coisas, tem!

BANDEIRANTE termina o copo. Enche-o novamente. VALDEMAR abre seu livrinho de palavras cruzadas, conta lacunas. Silêncio breve.

VALDEMAR

"Antiquado, fora do tempo." Dez letras. Começa com "A", quinta letra "R"...

BANDEIRANTE

Anacrônico.

VALDEMAR

Ana-Crô-nico. Ah! Você é bom nisso.

BANDEIRANTE o ignora, pousa o copo sobre o balcão e ajeita a lapela do paletó. VALDEMAR, meio constrangido, começa a contar lacunas novamente, mas o esforço solitário o desanima. Põe de lado as palavras cruzadas. Olha para o buraco bem no meio uma pintura atrás do balcão.

VALDEMAR

Eu te falei que foi aqui que prenderam ele? Ontem à tarde. A polícia cercou tudinho, o delegado da quarta DP veio em pessoa fazer a prisão. Me interrogaram e tudo.

BANDEIRANTE

E você deu abrigo a um foragido?

VALDEMAR

Eu, não. Ele se registrou com nome falso, ficou aqui dois dias sem ninguém suspeitar.

BANDEIRANTE

Como descobriram?

VALDEMAR

Denúncia anônima. (*Aproximando-se de BANDEIRANTE. Abaixando o tom de voz.*) Mas acho que sei quem foi o X9. Teve um cara, um engenheiro, que parou aqui ontem para almoçar, só de passagem mesmo. Tomou um cafezinho e a gente ficou papando. Foi aí que ele viu o famigerado Valdir Carrasco sentando aqui, nesse balcão, bem onde você está agora. Nessa hora alguma coisa deu no cara, sabe? Começou a falar baixo, disfarçou, ficou com pressa, saiu de repente. No meu negócio a gente aprende a reparar nessas coisas, quando tem alguém que está num lugar que não devia estar. (*Enfático.*) Ossos do ofício. Nisso vi que tinha coisas com esse hóspede. E não deu outra. veio a polícia na mesma tarde e (*Aponta para a pintura.*) Pow! (*Pausa.*) O tal do Carrasco acertou um tiro bem no quadro tentando abater um PM.

BANDEIRANTE olha para o buraco do quadro com desinteresse.

BANDEIRANTE

É de ontem, então?

VALDEMAR

Fresquinho!

BANDEIRANTE

Aquele buraco é de bala mesmo, mas não é de ontem. (*Toma mais um gole de meio copo.*) Tem mais de ano, na verdade.

VALDEMAR

(*Contrariado.*)

Que é isso? Dizendo que eu estou mentindo?

BANDEIRANTE

(*Tranquilamente.*) Uhum.

VALDEMAR

Por quê?

BANDEIRANTE

A sujeira ao redor da perfuração. Amarelo por fora, marrom nas bordas. Isso leva anos, é da ferrugem da bala, que por sinal ainda está na parede.

BANDEIRANTE toma o gole final da cerveja, dá uma batida leve na garrafa vazia. VALDEMAR a troca.

VALDEMAR

Como é que você sabe disso?

BANDEIRANTE

(*Enchendo o copo.*) Ossos do ofício.

VALDEMAR

Que é?

BANDEIRANTE

Inspetor de seguro.

VALDEMAR

Esperto você. (*BANDEIRANTE toma um gole. Pausa constrangedora.*) OK, vou te contar a história. Isso aí é bala de assaltante, dois paraguaios entraram aqui, deram um arrastão, roubaram todo mundo e limparam o que eu tinha escondido no cofre. Faz quatro anos isso.

VALDEMAR se dirige para outro ponto do balcão.

BANDEIRANTE

E alguém reagiu?

VALDEMAR

Não! Eles meteram um tiro de advertência, do nada. Passou a centímetros de mim. E por quê? Porque eles sabiam que eu tinha isso aqui!

VALDEMAR abaixa-se, abre uma gaveta atrás do balcão. Puxa um revólver velho, um tanto enferrujado. Mostra-o discretamente, sem tirá-lo totalmente da gaveta.

BANDEIRANTE

Foi um ex-funcionário.

VALDEMAR guarda a arma e fecha a gaveta.

VALDEMAR

(*Escorando-se.*)

Exato! Demiti o cara um mês antes, o filho da puta quis se vingar e ainda sair no lucro. Sabia da arma e do dinheiro no cofre. Cha-

mou os dois paraguaios para o serviço e disse para eles saírem metendo já uma bala de aviso.

BANDEIRANTE

Pegaram os caras?

VALDEMAR

Não. E nem o funcionário, nem a grana. Desde então eu não contrato mais funcionário. Atendo, sirvo, cozinho, limpo, o que for, mas estou melhor assim.

BANDEIRANTE

E você deixou a bala lá mesmo.

VALDEMAR pega um copo e uma garrafa de cerveja.

VALDEMAR

(Ressentido.)

Sim. Com o buraco e tudo. Fica de lembrete para deixar de ser trouxa.

BANDEIRANTE

(Fitando a gaveta.)

É uma arma antiga a sua. Ela já falhou?

VALDEMAR

Nunca usei. Mas dizem que a chance de falhar o tiro é uma em um milhão.

BANDEIRANTE

É o que dizem. *(Pausa.)* Mas já teve quem sobreviveu por isso.

VALDEMAR Enche seu copo e brinda com BANDEIRANTE.

VALDEMAR

Desculpa a mentira. Achei que outra história ia cair melhor para esse buraco.

BANDEIRANTE

E caiu?

O estrondoso escancarar da porta de correr ecoa no recinto como uma resposta ruidosa. E o vento frio da noite encerra a conversa.

3. INT. SAGUÃO DA POUSADA – NOITE

Avança pelo saguão o DELEGADO MESSIAS MORENO (60 anos, cavanhaque grisalho, vestindo um casaco encharcado), atirando o guarda-chuva na entrada.

DELEGADO MORENO

Chuva de merda!

O DELEGADO se posta ao balcão, dois assentos o separam de BANDEIRANTE. O policial leva na mão um celular octogênario.

DELEGADO MORENO

Essa merda está fora de área de novo. (Para VALDEMAR.) Preciso do telefone!

VALDEMAR puxa de baixo do guichê um telefone analógico ancestral. BANDEIRANTE toma sua cerveja com indiferença pétrea.

Entra ANA, pelo corredor. O DELEGADO a vê passar enquanto arrebatava o fone, disca e espera. Ela se senta a uma mesa distante do balcão e acena para VALDEMAR, que vai atendê-la.

ANA

Uma cerveja.

VALDEMAR

Para já.

VALDEMAR torna ao balcão.

DELEGADO MORENO

Alô! Pacheco? Me passa o Nogueira. (*Para VALDEMAR.*) Me traz um café. (*De volta ao fone.*) Nogueira? Como é que está o elemento?... O quê!? Filho da puta, acha que é bagunça... Não, uma árvore caiu na estrada, passando a ponte... É, uma árvore! Não consegui passar com o carro. Preciso que tirem aquele troço!... Não, ninguém sai com ele até eu chegar! Mas tem que liberar a estrada... Então se vira, porra!

Silêncio. O DELEGADO ouve uma resposta do outro lado da linha.

SANTANA adentra o saguão discretamente. Ele avança, com paciência, pelo recinto, como se sondasse aquele ambiente anacrônico. Sua jaqueta encharcada respinga por onde ele passa. Avista ANA na outra ponta da sala; ela o ignora.

SANTANA se aloja a alguns passos do DELEGADO. Escuta com atenção a fala do policial.

DELEGADO MORENO

Eu sei que estamos atrasados, mas tem que fazer do jeito certo. E os guardas vigiando?... Bom. Que continue assim. Se encostarem um dedo nele vão levar no cu! O Carrasco não é problema nosso, se for para se foder, que seja na capital, não quero o advogado dele vindo com conversa, que eu tenho mais o que fazer. A gente leva e acabou. De novo: ele sai comigo! (*Pausa.*) Dê um jeito, arranje um trator!

O DELEGADO bate o fone no gancho. VALDEMAR lhe traz a caneca de café.

DELEGADO MORENO

(Pegando a caneca.)

É foda, tem guarda fazendo fila para xingar o filho da puta. Ou

fazer coisas pior.

O DELEGADO toma um longo gole.

VALDEMAR

Mas também, assassino de policial. Dois ainda!

DELEGADO MORENO

Que seja, mas essa bomba não vai estourar para o meu lado.

VALDEMAR

(Aproximando-se.)

É verdade o que falaram? Que os carcereiros tentaram matar ele?

DELEGADO MORENO

É o que o advogado diz. Não é à toa que fugiu. Para cair no meu colo ainda.

SANTANA, até então só observando, projeta-se um pouco em direção ao DELEGADO.

SANTANA

Delegado? *(O DELEGADO torna para ele.)* Delegado Messias Moreno?

DELEGADO MORENO

Ele!

SANTANA se aproxima.

SANTANA

Nicolau Santana.

VALDEMAR sai para o canto. BANDEIRANTE espreita a con-

versa, sorrateiro.

SANTANA

la te encontrar na Delegacia, mas a estrada...

DELEGADO MORENO

Sim, a bendita árvore.

O DELEGADO toma mais um gole. Silêncio quase constrangedor. ANA os observa de longe.

DELEGADO MORENO

(Impaciente.) Você ia falar?

SANTANA

Sim. Ah, podemos falar em particular?

DELEGADO MORENO

Sobre o quê?

SANTANA

Sobre...

DELEGADO MORENO

Sobre o Carrasco?

SANTANA

(Discreto.)

Podemos falar na delegacia, quando liberarem a estrada.

DELEGADO MORENO

Na delegacia? *(Toma um gole.)* Meu amigo, na delegacia não vou falar nada. Vou entrar e sair com o preso. Eu não tenho nada que ver com isso, só fiz a prisão de um foragido de outro lugar, que é problema de outra pessoa. Você me entende?

Silêncio breve. O DELEGADO encara SANTANA.

SANTANA

(Desviando o olhar.)

Entendo. *(Pausa. Hesitante.)* Acho que é só, então.

Prostrado, SANTANA passa pelo delegado em direção ao guichê.

DELEGADO MORENO

É Santana, né?

SANTANA

(Virando-se.) Isso.

DELEGADO MORENO

Qual o seu envolvimento nesse caso?

SANTANA

Nenhum. É só *(Pausa.)* um desencargo de consciência.

SANTANA se volta novamente para o guichê, esperando ser atendido.

DELEGADO MORENO

(Irritando-se.)

Desencargo de consciência?

SANTANA

(Para do DELEGADO.)

Sim.

O policial poussa seu café sobre o balcão, aproxima-se de SANTANA.

DELEGADO MORENO

Quanto vale esse desencargo?

SANTANA

Como é?

DELEGADO MORENO

Quanto tempo você dirigiu até aqui?

SANTANA

Umas seis horas.

DELEGADO MORENO

Seis horas!? Por um "desencargo de consciência"? Por causa desse meliante?

Silêncio. A atenção de todos no recinto se concentra em SANTANA.

DELEGADO MORENO

Pensando bem eu gostaria, sim, de uma conversa com o senhor! (O DELEGADO se dirige a uma das mesas.) Venha até o meu escritório temporário.

O DELEGADO MORENO puxa uma cadeira. SANTANA, desconfiado, se senta à mesa. O policial se senta à sua frente.

DELEGADO MORENO

Valdemar, traz mais um café. (Para SANTANA. Ríspido.)
Que que você tem para falar?

SANTANA

(Desajeitado.)

Eu não esperava que fosse assim. Eu vim o caminho todo pensando como que eu ia me explicar e...

DELEGADO MORENO

E você teve seis horas para pensar.

VALDEMAR chega com a caneca de café para o DELEGADO.

SANTANA

(Convicto.)

Eu quero falar com Valdir Carrasco.

VALDEMAR titubeia antes de retornar ao balcão. BANDEIRANTE pela primeira vez parece prestar real atenção. O DELEGADO MORENO pega a caneca.

DELEGADO MORENO

Por quê?

SANTANA

Porque é por minha causa que ele está preso.

De seu lugar ao balcão, BANDEIRANTE se revira em direção a SANTANA.

BANDEIRANTE

Foi você quem viu ele!

DELEGADO MORENO

(Para BANDEIRANTE.)

Quem!?

BANDEIRANTE

Quem viu o Valdir Carrasco matar os dois policiais. Sim, eu lembro, você foi a testemunha-chave. Na época todo mundo dizia

que foi o seu testemunho que condenou o homem.

DELEGADO MORENO

E você quem é!?

BANDEIRANTE

Um cidadão interessado.

O DELEGADO bate na mesa.

DELEGADO MORENO

Interessado na própria vida!

BANDEIRANTE esboça um sorriso de galhofa.

DELEGADO MORENO

(Levantando-se.) Tá rindo do quê?

BANDEIRANTE

Nada.

DELEGADO MORENO

Acho bom!

BANDEIRANTE se ajeita no assento, volta a beber como se nada ocorresse. O DELEGADO regressa sua atenção a SANTANA.

DELEGADO MORENO

Faz dois anos que você manda o delinquente para a jaula e agora quer falar com ele! E você vem me aporrinhar com essa história?

SANTANA

Eles distorceram o meu testemunho.

DELEGADO MORENO

Distorceram?

SANTANA

Sim.

DELEGADO MORENO

Você foi no tribunal apontar o dedo na cara do filho da puta para dizer que viu ele abreviar dois policiais! Como é que se distorce isso!?

SANTANA

Eu não disse que vi ele.

DELEGADO MORENO

Viu quem então?

O DELEGADO toma um gole do café.

SANTANA

Eu disse no depoimento que eu vi alguém *parecido* com ele.

DELEGADO MORENO

(Batendo a caneca contra a mesa. O café transborda.)

Meu caralho! Que merda de dúvida é essa?! "Não vi ele, vi alguém parecido." É óbvio que era parecido, porque era ele!

SANTANA

(Irritado.)

Não! Eu disse no meu depoimento à polícia, e você pode conferir, que vi alguém *parecido* com ele, *mas que não tinha certeza se era ele*. Quando o julgamento começou e a defesa impugnou uma a uma as provas da acusação, antes de dar meu testemunho, o promotor insistiu várias vezes para eu alterar um

detalhe: omitir a parte "mas eu não tenho certeza" do depoimento original. Foi o que eu fiz, no tribunal. Na vez da defesa, o advogado do Carrasco não deixou escapar, leu exatamente esse trecho do depoimento, "mas eu não tenho certeza". E ele fez a pergunta que me atormenta até hoje: "Você ainda não tem certeza?", e eu respondi: "Não, hoje eu tenho certeza!" E o que começou com uma omissão virou uma mentira, sob juramento. Perjúrio.

DELEGADO MORENO

E você me aparece, dois anos depois, para falar com o meliante! Vai fazer o quê? Dar um beijinho nele e dizer "me desculpa, querido"?

SANTANA

(Nervoso, remexendo-se.)

Não é isso. Eu não sei como falar isso. Tem coisas que não se explica.

DELEGADO MORENO

Ah, tenha dó!

O DELEGADO vira seu rosto como se não desse mais atenção a SANTANA. Toma outro gole, com impaciência.

SANTANA

Para falar a verdade, na época eu não dei muita importância, parecia até o certo.

DELEGADO MORENO

É o certo! É dever de qualquer cidadão capaz mandar um traficante notório e assassino para a jaula!

SANTANA

Eu achei algo assim na hora. Ficou por isso mesmo, nem pen-

sei mais. (*Pausa.*) Até uns seis meses atrás, quando aconteceu o episódio dos agentes penitenciários.

DELEGADO MORENO

Os que sentaram a lenha nele.

SANTANA

Eles quase mataram ele.

DELEGADO MORENO

Dizem que tinha até preso na fila para dar uns cascudos no animal.

SANTANA

Meu perjúrio quase matou ele.

DELEGADO MORENO

(*Agressivo.*)

Você mandou ele para a jaula! E os outros iam mandar para o capeta! Que tem de errado nisso? Aliás, que tem isso a ver com você!?

SANTANA

Eu não sei! Mas tudo mudou. Não teve um único dia depois em que não me veio, com clareza, o pensamento de que por *um triz*, a morte de um homem não acabou sendo a consequência *direta* de um ato meu, um único instante e três palavras mentirosas, "eu tenho certeza." (*Pausa.*) E de alguma forma, esse pensamento se tornou insuportável.

DELEGADO MORENO

E por que aqui? Por que agora?

SANTANA leva um instante para se recompor.

SANTANA

Quando soube que ele foi capturado, achei que, talvez, fosse mais fácil conseguir falar com ele.

DELEGADO MORENO

Falar o quê com ele?

SANTANA

Eu pensei que olhando nos olhos o homem que eu quase matei, talvez a culpa não pesasse mais.

O DELEGADO continua a fitá-lo, suspira, recosta-se na cadeira.

DELEGADO MORENO

Isso é inacreditável. *(Olha para a caneca, zombeteiro.)* "Eu não tenho certeza."

BANDEIRANTE

Faz sentido...

Silêncio breve. Tentando conter a irritação, O DELEGADO se volta para BANDEIRANTE.

BANDEIRANTE

...a incerteza *(para SANTANA.)* Se bem me lembro era noite, a que distância você estava do Carrasco, cinco, seis metros?

SANTANA

Seis.

BANDEIRANTE

Ah, conveniente. Daqui de onde estou até a mesa de vocês são quatro metros e meio, mais ou menos, podem medir. *(Para o DELEGADO.)* O senhor delegado seria capaz de diferenciar en-

tre Carrasco e, digamos, eu, no escuro da noite, a essa distância. Sem conhecer nenhum dos dois, claro.

O DELEGADO se levanta.

DELEGADO MORENO

(Contendo a raiva.)

Que você está insinuando?

BANDEIRANTE

Algumas coisas. Que o camarada lá pode ter motivo, de fato, para incerteza. Que, para fins de argumento, eu seja parecido o suficiente com Carrasco. Que o senhor enxerga tão bem quanto ele.

O DELEGADO MORENO avança lentamente em direção a BANDEIRANTE. VALDEMAR os espreita do outro canto do balcão.

DELEGADO MORENO

Como você sabe esses detalhes?

BANDEIRANTE

Informação amplamente divulgada nos órgãos de imprensa.

VALDEMAR

(Apontando para a mesa.) E da distância?

BANDEIRANTE

(Para VALDEMAR.)

Ossos do ofício.

O DELEGADO se aproxima um pouco mais.

DELEGADO MORENO

(Encarando-o, nervoso.) Quem é você?

BANDEIRANTE

Um cidadão interessado cujo nome consta no livro da casa a quem interessar possa.

Toca o telefone. O DELEGADO e BANDEIRANTE ainda se encaram. O silêncio dos dois é apenas cortado pelo toque do aparelho. VALDEMAR atende.

VALDEMAR

Alô.

O DELEGADO toma o fone de VALDEMAR.

DELEGADO MORENO

Sim?... O Nogueira liberou a estrada?... Perfeito. A caminho.

O policial bate o fone. Dirige-se à saída. Antes de abrir a porta, vira-se para SANTANA.

DELEGADO MORENO

Santana, lide com a sua culpa, que eu lido com o prisioneiro.

O DELEGADO MESSIAS MORENO sai.

No saguão, só se ouve a chuva que fustiga as janelas.

4. INT. SAGUÃO DA POUSADA – NOITE

SANTANA permanece sentado, olhando ao redor. BANDEIRANTE bebe. VALDEMAR torna às palavras cruzadas. Silêncio.

SANTANA se levanta e, vagarosamente, se dirige ao balcão. Abanca-se ao lado de BANDEIRANTE.

SANTANA

(Hesitante.) Obrigado.

BANDEIRANTE

Valdemar, traz mais um copo.

VALDEMAR traz outro copo. BANDEIRANTE o serve de sua garrafa.

BANDEIRANTE

Por minha conta.

SANTANA

(Para VALDEMAR.)

Vou passar a noite.

VALDEMAR vai procurar o livro de hóspedes. SANTANA toma um gole. ANA os observa.

SANTANA

(Para BANDEIRANTE.)

Chegou hoje também?

BANDEIRANTE

(*Sem olhá-lo.*) Uhum.

SANTANA

A passeio?

BANDEIRANTE

De passagem.

SANTANA

Aonde vai?

BANDEIRANTE

Para a fronteira.

SANTANA

A negócios?

BANDEIRANTE

Uhum.

Silêncio breve. SANTANA toma mais um gole. VALDEMAR retorna com o livro de hóspedes e uma chave.

Enquanto SANTANA preenche seu registro, VALDEMAR conta lacunas das palavras cruzadas.

VALDEMAR

(*Para BANDEIRANTE.*)

"Incapaz, estúpido." Seis letras. Começa com "N", seguido de...

BANDEIRANTE

Néscio.

VALDEMAR

(Contando.)

Eu disse seis letras.

BANDEIRANTE

N-E-S-C-I-O. Com "sc".

VALDEMAR

Ah!

SANTANA entrega o livro a VALDEMAR.

SANTANA

Você sabe das coisas, Manuel.

BANDEIRANTE

Como você...

BANDEIRANTE se interrompe quando atenta para VALDEMAR fechando o livro de hóspedes.

SANTANA

Supus que você fosse o da página ao lado.

BANDEIRANTE

Outro que sabe das coisas. *(Toma um gole.)* Mas para os que conhecem é Bandeirante.

SANTANA

Como?

BANDEIRANTE

Bandeirante, como me chamam.

SANTANA

Por quê?

BANDEIRANTE

Sempre viajando.

SANTANA

Como hoje.

BANDEIRANTE

(Pousando o copo.) Como sempre.

SANTANA

Vai embora amanhã também?

BANDEIRANTE

Iá, mas não mais. Cheguei e soube de um imprevisto.

SANTANA

Vai esperar aqui então?

BANDEIRANTE

Vou sentar, beber, e ver o que acontece. *(Pausa.)* É o que resta.

ANA observa a conversa de SANTANA e BANDEIRANTE com atenção.

SANTANA

(Meditativo.)

É. É o que resta. *(Pausa.)* Segunda vez que ouço isso hoje.

BANDEIRANTE

E de quem foi a primeira?

SANTANA se ajeita no assento.

SANTANA

(Vago.) Ninguém.

Silêncio. BANDEIRANTE toma seu último gole; Tira a garrafa do suporte. VALDEMAR traz outra. BANDEIRANTE serve a ambos.

BANDEIRANTE

Você é perspicaz. Desses que notam as coisas. Bem o tipo que cedo ou tarde acaba num banco de testemunhas. Ou de réus.

SANTANA

Nem me fale. Maior merda que me aconteceu. *(Toma um longo gole.)* Meu pai morreu um dia antes. *(BANDEIRANTE o olha com mais atenção.)* Eu estava voltando do enterro quando avistei o carro dos policiais. Eles atendiam uma ocorrência. Eu estava perdido, procurando a estrada. Parei ao lado da viatura para pedir informação ao policial. Foi quando ouvi alguém gritando atrás dele, a alguns metros: "Gérson!". Era o nome de um deles, Gérson. Ele virou bem na hora do tiro, e atrás dele eu vi o primeiro PM ser baleado. O outro, o Gérson, mal puxou a arma, foi alvejado, bem na minha frente. *(Pausa. Termina o copo.)* Meu pai morre, eu me perco numa cidade estranha, duas pessoas morrem. *(Enche o copo.)* Eu pasmo toda vez que penso na coincidência disso tudo. Não era para ver o que eu vi. Eu não estaria aqui hoje.

BANDEIRANTE

Nem o Carrasco.

SANTANA toma outro longo gole.

SANTANA

(Para BANDEIRANTE.)

Coincidências.

BANDEIRANTE

(Baixando a cabeça, meditativo.)

Sei bem de coincidências, não tem uma viagem sem elas.

Silêncio. A chuva recrudesce.

SANTANA toma mais um gole. BANDEIRANTE deixa escapar um sorriso de canto de boca ao ver que ANA se levante. Ele a acompanha com os olhos. Ela se senta no velho sofá ao lado do aquecedor. Quando ANA o percebe, BANDEIRANTE se vira furtivamente para SANTANA.

BANDEIRANTE

(Levantando-se.)

Senhores, já está tarde, vou me recolher. Foi uma longa viagem hoje, *(Olhando para as garrafas no balcão.)* e muita cerveja. *(Tira a chave do bolso.)* Boa noite.

Antes de sair, pousa amigavelmente a mão sobre o ombro de SANTANA.

SANTANA

Boa noite, Bandeirante.

BANDEIRANTE sai pelo corredor.

SANTANA enche seu copo com o resto de cerveja da última garrafa. Na outra ponta do balcão, VALDEMAR faz suas palavras cruzadas. Ao terminar seu último copo, SANTANA se encaminha para o sofá onde ANA está sentada.

SANTANA

Posso sentar?

ANA

Não peça, sente.

SANTANA se senta ao lado dela.

SANTANA

Como você sabia da delegacia? Que eu ia para lá?

ANA

Adivinhei. Tive sorte.

SANTANA

Você me reconheceu.

ANA

Nunca te vi.

Os dois se entreolham por um instante.

SANTANA

Você também veio por isso, pelo Carrasco?

ANA

Não, não por ele.

SANTANA

(Desviando o olhar.)

Que seja. Ele já deve estar na estrada, sendo levado. Eu vim por nada.

ANA

Não entendi nem por que veio.

SANTANA

É tão difícil assim?

ANA

Você é um tipo estranho.

SANTANA

Estranho como?

ANA

Nada.

SANTANA faz que vai falar alguma coisa, mas silencia, como se esperasse uma resposta. ANA nada diz.

SANTANA se levanta e se encaminha para o corredor.

ANA

Eu nunca vi um homem tão atormentado. (*SANTANA estaca.*)
Isso é estranho. Eu não entendo por quê.

SANTANA

O que você não entende?

ANA

O que você não contou?

SANTANA permanece imóvel.

ANA

Tem mais, não?

SANTANA

(*Irritado.*) Mais o quê?

ANA

O que você escondeu do Delegado?

Silêncio breve. SANTANA se volta para ela.

SANTANA

Eu era dono de uma loja, um mercado. Não era muito, mas era meu, pagava as contas. Bem na época do julgamento, eu estava para vender a loja, tinha contraído dívidas um ano antes tentando abrir outra. Foi o momento errado, eu fui ganancioso e desmedido. A segunda loja foi um risco que eu não pude bancar. No fim eu acabei vendendo a que tinha, saldei as dívidas, segui em frente, fui de patrão a empregado.

Mas uma coisa aconteceu que podia ter mudado tudo. (*Pausa. Aproxima-se um pouco dela.*) Um dia depois da conversa com o promotor, eu recebi uma visita, na minha loja, de um homem, um contador. Fizemos uma reunião na minha sala e ele me apresentou um plano completo de como eu podia salvar o negócio que eu já tinha em menos de um ano. Era como se ele soubesse das minhas dívidas melhor que eu mesmo. A única questão era que eu ia precisar de um valor de investimento que eu não tinha, mas ele sabia a resposta até para isso; ele prometeu conseguir descontos com alguns contatos em importadoras; eu ia obter a quantia para quitar a dívida só economizando com os fornecedores. O esquema era simples. Quando perguntei por que estava fazendo essa proposta, o contador me olhou fundo no olho e perguntou: "Você é um homem de certezas, senhor Santana?" Então, eu percebi que aquilo não era nenhuma proposta contábil – era um suborno. O Carrasco ia usar os contatos dele para traficar os produtos para me abastecer. Ele ia virar meu sócio. E eu me senti tentado, tentado como nunca. Até pensei comigo: "Eles estão me pagando para falar a verdade, para assumir minha incerteza. Que mal há nisso?" Eu estava sendo subornado para contar a verdade, a verdade completa.

(Brota-lhe um sorriso amargo.) Onde você já viu algo do tipo?

ANA

Mas você recusou.

SANTANA dá um suspiro. Volta a se sentar ao lado dela.

SANTANA

É. E perdi a loja. Dez, quinze anos de vida jogados ao vento.

ANA

Não é só culpa. É também arrependimento. Por não ter aceito virar um cúmplice. *(Com uma pontada de ironia.)* Você é um homem honesto, afinal.

SANTANA

Eu *quis* o suborno.

ANA

E ainda quer?

SANTANA

(Hesitante.)

Prefiro nem pensar. *(Pausa.)* Ele me contatou diretamente.

ANA

Quem?

SANTANA

O Carrasco.

ANA

Como?

SANTANA

Foi um dia depois dele fugir. Eu recebi um e-mail anônimo. Era breve. A pessoa dizia que lamentava nunca ter tido a chance de me olhar cara a cara, mesmo após os eventos de anos atrás que levaram ao nosso desacordo. Era esse o termo dele, desacordo. Terminava dizendo que, apesar de tudo, nossas vidas continuavam ligadas e que, se eu respondesse à mensagem, talvez tivéssemos a chance de nos encontrarmos, finalmente.

ANA

Era uma ameaça?

SANTANA

Acho que não. Parecia mais um convite. Ele queria me ver, falar comigo.

ANA

E você respondeu?

SANTANA

Não. Mas a mensagem me perturbou. Eu fiquei obcecado pela ideia de ver o homem frente a frente, de falar com ele. O que alguém como ele teria para me dizer? O que ele pretendia? (*Pausa.*) Passaram dois dias, ele foi preso, e eu percebi que seria a minha última chance. (*Pausa.*) E aqui estou.

ANA

Você acha que ele queria algo de você? Te propor algo talvez?

SANTANA

Não sei. Mas por que ele ia fazer isso? Por que eu?

Silêncio breve, o lábio de ANA se flexiona levemente como se tivesse uma revelação repentina.

ANA

Ele ia insistir em você.

SANTANA

(Vira-se para ela, um tanto incrédulo.) Insistir?

As luzes do recinto se apagam quase por completo. Apenas a luminária do balcão permanece acesa.

VALDEMAR

Seu Santana...

SANTANA e ANA se viram para o balcão, atrás do qual VALDEMAR os fita.

VALDEMAR

Eu vou dormir, estou apagando as luzes. Qualquer coisa é só chamar no quartinho atrás do guichê.

SANTANA

E se a gente for pedir alguma coisa para beber, como que faz?

VALDEMAR

Pode pegar. Depois a gente acerta. *(Rindo-se.)* Vocês acham que vou suspeitar de cidadão honesto?

VALDEMAR sai por um canto do balcão rumo à porta do quartinho atrás do guichê. Silêncio.

SANTANA

Que tal uma saideira?

ANA apenas se levanta e segue para o balcão. SANTANA a acompanha.

Ela se senta ao balcão. Ele, entretanto, passa para o outro lado e começa a vasculhar os arredores. Encontra um boné surrado, cata uma toalha, coloca-a sobre o ombro. ANA sorri ao ver que SANTANA parece estar montando algo como um personagem.

SANTANA

(De boné e toalha. Alterando a voz.) E então dona, que vai ser para hoje?

ANA ri com a caricatura jocosa que SANTANA faz de VALDE-MAR.

ANA

O você me indica?

SANTANA

Ah! Vejamos. Dona...?

ANA

Ana.

SANTANA

Ana! Dona Ana! (Abaixa-se, some atrás do balcão, procura algo. Retorna com uma garrafa de J&B.) Temos uísque importado. Temos (Idem. Sobe com uma garrafa de cerveja.) essa cerveja artesanal quente, (Olha o rótulo.) que já venceu, por sinal. Que mais? (Idem. Volta com uma garrafa de cachaça e limões.) Ah! E temos essa bela cachaça ordinária e alguns limões. E, dona Ana, eu garanto à senhora que eu faço uma caipira, ó, porreta! (Malicioso.) Quer uma prova?

ANA

(Rindo.) Pode ser.

SANTANA

É para já, dona! *(Começa a cortar os limões.)* Sabe, dona, o segredo da caipira perfeita é o corte, é saber cortar os limões de tal forma que...

Um alarido vindo da entrada interrompe SANTANA. Alguém bate com força na porta trancada.

5. INT. SAGUÃO DA POUSADA – NOITE

VALDEMAR sai de seu quartinho, destranca a porta.

Encharcado, O DELEGADO MESSIAS MORENO invade o saguão. Arranca o casaco das costas e o joga de qualquer jeito sobre o piso. ANA se afasta. SANTANA sai de trás do balcão. VALDEMAR segue o furioso DELEGADO.

DELEGADO MORENO

(Sentando ao balcão.)

Que você tem de trago, Valdemar!?

VALDEMAR

Beber em serviço, Delegado?

O DELEGADO bate a mão no balcão e encara VALDEMAR.

DELEGADO MORENO

Isso é problema meu!

O DELEGADO pega a garrafa de J&B. VALDEMAR passa para trás do balcão e coloca um copo ao alcance do policial, que serve uma dose para si mesmo. Antes de tomá-la, olha para SANTANA, parado a poucos passos de distância.

DELEGADO MORENO

(Olhando para o copo.)

E essa culpa, Santana? E essa culpa?

Silêncio breve. O DELEGADO toma um gole.

DELEGADO MORENO

Eu devia estar na estrada agora. Levando o Carrasco.

O DELEGADO toma o copo inteiro.

SANTANA

E por que não está?

O DELEGADO serve mais uma dose.

DELEGADO MORENO

(Ironizando.)

"Por que não está." *(Toma um gole.)* Não tem ninguém para levar.

VALDEMAR se volta para o DELEGADO. SANTANA dá um passo à frente.

SANTANA

(Quase afirmando.) Ele escapou?

O DELEGADO deixa escapar um riso engasgado; segura o copo meio virado, vê o uísque se precipitar para o lado.

DELEGADO MORENO

Cheguei na Delegacia e nenhum policial de plantão no posto. Não que tivesse muitos, quatro civis, além de mim. Corri para a cela. Os quatro estavam olhando o chão com cara de merda sem saber o que fazer. Mas não era para o chão que os lazerentos olhavam. Era para o cadáver do condenado. É, ele escapou. Da jaula para o colo do capeta. Se enforcou com a própria camisa, presa na grade, menos de um metro e meio de altura. *(Toma um gole.)* Já vi dessas antes. Não é raro, não. Mas não com *quatro* guardas vigiando o vagabundo! Ah, eu pensei, aí tem! A gente tirou o corpo, eu examinei o defunto. Tinha um

negócio entalado na garganta. *(Finaliza a dose.)* Tive que quebrar a mandíbula para abrir. E de lá de dentro eu tirei: um lenço do falecido. Eu já vi os meliantes se matarem na cela, mas não assim. *(Pausa.)* Não dá para fazer isso sozinho.

Silêncio. O DELEGADO olha o copo vazio em suas mãos.

DELEGADO MORENO

Amanhã será um longo dia. Vou ter muita pergunta para responder, muita explicação para dar, muito grandalhão da capital querendo me comer vivo. *(Solta um profundo suspiro de cansaço.)* Amanhã.

O DELEGADO MESSIAS MORENO toma um gole do próprio gargalo da garrafa de J&B.

SANTANA pega um copo sobre o balcão, senta-se ao lado do DELEGADO, que o serve com o uísque. Bebem juntos, SANTANA do copo, o DELEGADO, da garrafa. ANA e VALDEMAR permanecem estáticos, assistindo à bebedeira dos derrotados.

6. INT. SAGUÃO DA POUSADA – DIA

A luz da tarde incide sobre o livrinho de palavras cruzadas. VALDEMAR e BANDEIRANTE se postam ao balcão.

VALDEMAR

(Contando letras.)

"Ativo à noite, noturno." Oito letras. "No" alguma coisa.

BANDEIRANTE

Notívago.

VALDEMAR

(Escrevendo.) Ah!

Silêncio breve.

VALDEMAR

Ficou sabendo do Carrasco?

BANDEIRANTE

Li algo no jornal.

VALDEMAR

Suicidaram o elemento. O Delegado passou aqui, *puto* da vida ontem. Tomou meia garrafa de uísque com o tal do Santana.

Entra ANA, senta-se ao balcão, a um assento de distância de BANDEIRANTE. VALDEMAR a vê chegar.

ANA

Bom dia, Valdemar.

VALDEMAR

Bom dia, dona Ana.

ANA

Me vê um café, por favor.

VALDEMAR

(Saindo.) Para já.

ANA e BANDEIRANTE a sós. Ela inicialmente evita o olhar dele, até que, desconfortável, responde fitando-o de volta por um instante. Ela se levanta e segue para a mesma mesa à qual se sentara na noite anterior.

BANDEIRANTE puxa um maço do bolso da camisa; arrebatando um cigarro, deixa-o pender na boca, sem acendê-lo. Antes de sair, dá mais uma olhada no alvo de dardos fixado à parede atrás do balcão. O relógio de parede marca a hora: uma e pouco.

Na saída, BANDEIRANTE cruza com o DELEGADO MORENO, que vem entrando. Ambos se encaram furtivamente. O policial se posta em frente ao balcão. VALDEMAR leva o café para ANA e se dirige ao DELEGADO.

VALDEMAR

Que é para hoje, Delegado?

DELEGADO MORENO

Só uma água, Valdemar.

SANTANA entra pelo corredor e se senta ao balcão. VALDEMAR entrega a garrafa d'água ao DELEGADO, que se parte

para uma das mesas do saguão.

VALDEMAR

(Para SANTANA.)

E esse porre?

SANTANA

Que horas são?

VALDEMAR

Uma da tarde.

SANTANA

Já era para eu estar indo embora.

VALDEMAR

Que é isso? Não lembro de uma noite tão agitada por essas bandas desde que isso aqui era um puteiro.

SANTANA

Puteiro?

VALDEMAR

Sim! Isso aqui era um puteiro antes de eu comprar.

SANTANA

Tá de sacanagem.

VALDEMAR

Juro por Deus!

SANTANA sorri, um tanto constrangido.

VALDEMAR

E falando nisso. (*Inclinando-se para SANTANA; falando baixo.*) Como que foi?

SANTANA

Como foi o quê?

VALDEMAR

Com a moça.

SANTANA

(*Desconversando.*) Ah...

VALDEMAR

Eu vi, e o negócio estava ficando sério.

SANTANA

Talvez. Mas depois que o Delegado chegou já não tinha mais como.

VALDEMAR

Na noite que o cara morre, está ela dando encima de outro. Essa mulher aí, hum!, tem coisas.

SANTANA

(*Repentinamente mais sério.*) Como assim?

VALDEMAR aproxima-se mais de SANTANA.

VALDEMAR

(*Quase sussurrando.*)

Entre nós. Acho que ela é esposa do cara.

SANTANA

Do Carrasco?

VALDEMAR

(Murmurando.) Isso.

SANTANA

Mas o Carrasco...

SANTANA silencia. Vira-se de lado.

VALDEMAR

Ele o quê?

SANTANA

Nada. *(Distanciando-se, pensativo.)* Mas é estranho mesmo.

VALDEMAR

Bota estranho! Estava falando isso mesmo para o Bandeirante ontem.

SANTANA

(Quase afirmando.)

Carrasco se hospedou aqui com nome falso?

VALDEMAR

Sim! Nome falso, com documento e tudo, Henrique alguma coisa. Ficou no 22, no fim do corredor.

SANTANA

E como ele era?

VALDEMAR

(Dando de ombros.)

Sujeito normal. Do tipo que se hospeda aqui. Passava a noite, sentado no balcão, bebendo e jogando paciência. A gente falou umas vezes. Quando eu perguntava, dizia que estava resolvendo uns negócios na cidade. Pediu o endereço daqui para entre-

garem um pacote para ele, que não veio.

SANTANA

(Quase afirmando.) Um pacote?

VALDEMAR

Uhum! Depois que ele foi preso fiquei pensando que devia ser uma caixa desses cigarros que ele traficava do Paraguai. Meus amigos do comércio dizem que vende como água.

VALDEMAR retorna às palavras cruzadas. Silêncio breve.

SANTANA

(Absorto.)

Valdemar, acho que vou ficar aqui mais um dia.

VALDEMAR

(Sem olhá-lo.)

Sem problema, chefe.

SANTANA se levanta e vai até a mesa do DELEGADO. A meio caminho, avista ANA sentada à mesa do outro lado do saguão. Trocam olhares.

SANTANA

(Para o DELEGADO.)

Posso?

O DELEGADO MORENO apenas assente com a cabeça. SANTANA se senta de frente para o policial. Breve silêncio.

DELEGADO MORENO

Queria falar com você antes de ir.

SANTANA

Ir para onde?

DELEGADO MORENO

"Convocação urgente" de vossa excelência o secretário de segurança do estado para, como dizia o documento? Ah! "Prestar esclarecimentos acerca do incidente reportado pela mídia envolvendo a morte do foragido Valdir Carrasco", etc, cujo des-cumprimento sob pena de exoneração do cargo conforme artigo, etc etc. (*Pausa.*) Muito eufemismo para dizer que alguém vai pagar o pato.

SANTANA

Não descobriram quem foi?

DELEGADO MORENO

Ninguém na delegacia falou uma palavra quando cheguei, pode ter sido um deles, dois deles, ou todos, ninguém vai falar. Policial nessas é que nem bandido: odeia X9, e o primeiro que abrir o bico está marcado e só se fode com os outros.

SANTANA

Você assume a responsabilidade então.

DELEGADO MORENO

É como tem que ser. É o melhor arranjo. Para os figurões da capital, um delegado de interior exonerado é um jeito de sair com a cara limpa pelo trabalho sujo, um bom preço pela execução de um preso. E a opinião pública terá seus anseios de punição criminosos atendidos com a boa consciência de saber que alguma autoridade responsável se fodeu com isso tudo. (*Dá um suspiro de cansaço.*) Com sorte eu volto amanhã. De férias. (*Olha o relógio da parede.*) Quase uma e meia. Preciso ir.

O DELEGADO faz menção de se levantar.

SANTANA

Você disse que ia falar algo comigo.

DELEGADO MORENO

Ah, sim. (*Baixa a cabeça; pausa de quem não quer admitir algo.*) Eu sinto por ontem. Eu me excedi. Na hora parecia inacreditável que você veio até aqui por um desencargo de consciência.

SANTANA

E ainda parece inacreditável?

DELEGADO MORENO

Um pouco menos. Você é um homem improvável, Santana. Um homem que age por consciência é difícil de achar, minha profissão me ensina isso melhor que qualquer coisa. (*Aproxima-se, como um confidente.*) Mas eu tenho um conselho para você: não deixe a consciência afundar na culpa. Carrasco já era, enterre ele e siga adiante. A morte dele vai muito além do seu testemunho. O cara era um crápula, alguém ia acabar sentando a ripa nele de qualquer jeito. Se você soubesse do que falam na polícia ia saber. Ele já foi investigado por tudo, de chacina até exploração de menor. Foi condenado por coisa pouca até. Várias vezes ele escapou por um triz. (*Pausa.*) Uma vez ele roubou 200 mil de uma apreensão da polícia federal.

No balcão, VALDEMAR ergue os olhos do seu livrinho.

SANTANA

200 mil reais?

DELEGADO MORENO

Dólares.

VALDEMAR reage ao número virando suavemente a cabeça

para DELEGADO, que, reparando, olha-o de volta com severidade. VALDEMAR abaixa novamente a cabeça e volta ao livrinho.

DELEGADO MORENO

Essa história virou lenda lá na PF. Faz uns três anos isso. Eles apreenderam aqui perto da fronteira os 200 mil compactado num pacote, desse tamanho (*Mostra com as mãos. Uma olhada de VALDEMAR para o DELEGADO.*) embaixo do assento de um caminhoneiro que traficava cigarros do Paraguai para o Carrasco. Pois acredite que não deu um dia e o dinheiro todo sumiu.

SANTANA

Sumiu?

DELEGADO MORENO

É, sumiu. Foi até investigado. É normal uns policiais acabarem pegando um pouco do dinheiro apreensão por fora, ninguém vai contar os centavos mesmo. Mas a quantia inteira!? Como sempre, ninguém sabia de nada. Mas se você me perguntar, eu aposto que tinha a mão do Carrasco nisso aí! O filho da puta arranjou uns contatos na PF, pagou uns caras e sumiu com a grana. (*Baixa os olhos, pensativo.*) Ela deve estar enterrada em alguma fazenda do Paraguai. (*Pausa. Volta o olhar para SANTANA.*) Preciso ir!

SANTANA vê o DELEGADO se levantar, faz o mesmo em seguida. O DELEGADO estende a mão para SANTANA, que a aperta. Entreolham-se. Algo como respeito mútuo para se esboçar entre eles.

SANTANA

Boa sorte.

O DELEGADO oscila suavemente com a cabeça.

DELEGADO MORENO

(Com um sorriso melancólico.)

Cuide da sua consciência, que eu cuido do meu cargo.

O DELEGADO ruma para a porta e sai.

SANTANA se vira e vê ANA se levantar de sua mesa e ir até o balcão; ele a segue com o olhar. VALDEMAR se apruma para atendê-la. SANTANA entreouve a conversa.

ANA

Valdemar, eu estou com um problema no meu quarto, o cano da pia está vazando.

VALDEMAR

Eu posso dar uma olhada logo mais.

ANA

Teria como me trocar de quarto?

Brevíssimo silêncio. SANTANA os observa do outro lado do saguão.

VALDEMAR

(Sem jeito.)

Ah, sim. Deixa eu ver. *(Vira-se para olhar as chaves.)* Acho que o 12 é uma boa.

ANA

Pode ser o 22?

VALDEMAR

Eu ainda não limpei esse.

ANA

Não tem problema. É o do fim do corredor, né? A posição so-lar é melhor, esquenta mais no dia.

VALDEMAR

Hmm, 22 então.

VALDEMAR e ANA trocam chaves. ANA sai pelo corredor que dá para os quartos; SANTANA a observa com atenção. VALDEMAR volta ao seu passatempo.

BANDEIRANTE entra pela porta principal e retoma seu local de praxe ao balcão.

VALDEMAR

(Para BANDEIRANTE.)

"Unir, fraternizar", sete letras.

SANTANA permanece em pé, ensimesmado, alheio à nova conversa.

BANDEIRANTE

Hmm, essa é difícil. Quais letras?

VALDEMAR

(Contando.)

Terceira é "M", quarta é "A".

BANDEIRANTE pensa, fala bem baixinho, procurando as possibilidades.

BANDEIRANTE

Irmanar!

SANTANA sai pelo corredor.

7. INT. QUARTO 22 – DIA

O quarto é de simplicidade espartana, apenas uma cômoda e uma cama se avistam em sua penumbra. Apenas réstias de luz exterior adentram o pequeno recinto pelos furos de uma cortina blackout bastante surrada.

ANA arranca, uma a uma, as gavetas da cômoda, vasculha cada uma delas; vira-as, sacode-as. Nada encontra. Insatisfeita, vira o colchão, apalpa-o, como se procurasse por algo. Esquadrinha do estrado da cama.

SANTANA entra pé ante pé. Bate a porta. ANA se vira, assustada. Silêncio breve.

SANTANA

Quem é você?

Silêncio. SANTANA avança um passo.

SANTANA

(Quase afirmando.)

Por que não me contou?

ANA

Não contei o quê?

SANTANA

Sua relação com Carrasco.

ANA

Não podia. Era para eu vir em segredo.

SANTANA

Por que veio?

ANA

Sou esposa dele.

SANTANA

Mentira.

Silêncio breve. SANTANA começa a andar em volta de ANA.

SANTANA

Você diz que é esposa dele. Não. A esposa de Carrasco se divorciou dele dois anos atrás, em decorrência da exposição pública do julgamento. Não foi nada escandaloso, só uma separação discreta num momento de alvoroço. A ex-esposa provavelmente atende hoje pelo nome de solteira, Ana Serafim Antunes.

ANA

Como você sabe?

SANTANA

(Parando bem atrás dela.)

Na época acabei me informando sobre o caso, inclusive dos detalhes menores da vida do homem que eu estava para condenar. Sobre o divórcio não tinha mais que uma ou duas frases jogadas em meio a várias páginas de uma reportagem especial, mas o bastante para um leitor atento.

ANA

(Em tom de desafio.)

Se eu não sou a esposa dele, então por que estou aqui? *(Virar-se para SANTANA, desafiadora.)* O que o leitor atento tem a dizer?

Silêncio breve. SANTANA, distancia-se dela, volta a andar, devagar.

SANTANA

Não sei. (*Pausa.*) Mas sei o bastante para supor que você veio sob disfarce de uma esposa discreta. Não sei se por iniciativa própria ou a mando do Carrasco. Sei também que você quer algo dele, ou não teria trocado o quarto. Se ele queria entregar esse "algo" a você de forma *voluntária* é inteiramente outra questão. (*Pausa.*) E você não tem ideia de onde estão os 200 mil.

ANA

(*Voltando-se na direção dele.*) Como você sabe!?

SANTANA

Da grana ou de não saber onde Carrasco escondeu?

ANA

Os dois.

SANTANA

(*Ar de esperteza.*)

Eu não sabia. (*Pausa.*) Mas agora eu sei.

Silêncio breve.

SANTANA

Quem é você?

ANA

Carrasco me devia dinheiro, eu vim coletar.

SANTANA

200 mil é uma baita dívida.

ANA

Ele não devia só para mim. (*Pausa.*) Antes de ser preso, o Carasco já devia para Deus e mundo; dívida de jogo, de empréstimo, de suborno, de serviço malfeito traficando menos do que prometia aos atravessadores. Ele se queimou com muita gente. Depois que fugiu, estava sendo procurado pela polícia e pelos credores – e marcado de morte pelos dois.

SANTANA

Então ele resolveu usar o pé-de-meia.

ANA

Nem de longe saldava todas as dívidas, mas era o bastante para comprar a fuga dele para o outro lado da fronteira. Ia pagar apenas um punhado de gente mais próxima que podia ajudar ele a sumir do país. (*Pausa.*) Foi quando prenderam ele.

SANTANA

Antes de você receber a sua fatia do bolo.

ANA

Sim.

SANTANA

Qual era a sua função no esquema?

ANA

Eu tenho contatos na fronteira.

SANTANA

Que tipo de contatos?

Silêncio.

SANTANA

Por que você fugiu daqui ontem, sozinha, na chuva?

ANA

Tive medo.

SANTANA

Do quê? (*Pausa.*) Ou de quem?

Silêncio.

SANTANA

Como você sabia que eu ia para a delegacia?

ANA

Eu pensei que você também podia ter vindo...

ANA titubeia.

SANTANA

Coletar. Supôs que eu fosse outro dos credores do Carrasco. (*Pausa, como se só agora atentasse para algo importante.*) Claro, era esse seu medo. Que outros viessem atrás do dinheiro. Gente perigosa, velhos conhecidos...

ANA

(Agressiva.)

Ou estranhos como você!

SANTANA

(Afastando-se de ANA, dando-lhe as costas.)

Não, eu não vim para isso. Eu não vim com a intenção de coletar o dinheiro de ninguém. (*Pausa breve. Insinuador.*) Mas talvez eu saiba como.

ANA

Que você quer dizer?

SANTANA

(*Colocando-se de frente para ela.*) Que eu sei mais do que devia.

ANA

O que você sabe?

SANTANA

Algumas coisas. A primeira é que, se estiver certo, *eu* vou coletar o dinheiro. (*Pausa breve. ANA o fita, atenta.*) A segunda é que não vou fazer isso sozinho. Você vai me ajudar. Tem o bastante para ambos. Meio a meio.

ANA

E o que você ganha dividindo o dinheiro?

SANTANA

Eu não sei. (*Sugestivo.*) Talvez você me diga.

Silêncio.

SANTANA

A terceira, é que Carrasco estava para receber um pacote aqui mesmo, nessa pousada. O pacote não chegou a tempo, ele foi capturado.

ANA

Você acha que é o dinheiro?

SANTANA

Você não? (*Pausa.*) Acontece que quando o pacote chegar, ele

vai estar endereçado ao nome falso do Carrasco, com o qual ele conseguiu esse quarto. *(Começa andar devagar ao redor de ANA.)* E é aí que entra a esposa discreta, hospedada na mesma pousada que o marido foragido. A esposa que não chora a morte dele, porque presa ela mesma a um casamento falido, mantido apenas pela conveniência, e mais todos os clichês que você quiser usar para convencer o dono da pousada, nosso amigo Valdemar, a entregar o pacote com os últimos pertences do falecido. Você pode inventar toda uma história mais elaborada, mas o básico não passa muito disso. *(Pausa.)* Eu preciso de você para isso, assim como você precisou de mim para saber do pacote. Uma troca justa.

ANA

Por que está fazendo isso?

Silêncio.

ANA

O arrependimento. *(Ele assente. ANA se aproxima.)* Você sabe que não tem mais volta a partir de agora. Você é um cúmplice.

SANTANA

Seu cúmplice. Não do Carrasco.

ANA

Eu não sou melhor que ele.

SANTANA

Mas você é alguém de quem eu seria cúmplice.

ANA

No crime.

SANTANA

Na vida, quem sabe.

ANA desvia o olhar, afasta-se um pouco de SANTANA.

SANTANA

Ontem você disse que o Carrasco insistiu em mim. O que você quis dizer?

ANA

O Carrasco era um homem orgulhoso, achava que podia comprar qualquer um. Nunca conseguiu aceitar que o único que ele não pôde comprar foi aquele que o condenou. Algo me diz que ele queria ver você envolvido nisso tudo, de alguma forma. *(Pausa.)* E logo o dinheiro do Carrasco vai ser seu, você é o sucessor. Você é ele agora.

SANTANA

Só que ao contrário dele, eu não matei ninguém.

Silêncio breve. ANA o fita com ceticismo.

ANA

E se o plano falhar? Se o dinheiro não estiver no pacote?

SANTANA

Vamos embora como viemos. Mas tem que estar. Esse plano não é meu plano, esse era o plano do Carrasco. *(Quase afirmando.)* Ele que te mandou os documentos para se registrar aqui como Ana Carrasco, não?

ANA

Sim.

SANTANA

Ele sabia que se algo acontecesse com ele, você poderia res-

gatar o pacote, talvez pagar mais uns subornos. Ele confiava em você. *(Pausa.)* Qual é o seu nome?

ANA

Ana Carrasco. E vai continuar sendo até que tudo isso acabe.

SANTANA

E qual vai ser depois?

ANA

(Olhando-o fixamente.)

Quem sabe. Talvez eu vá embora de carona, com você. Talvez no caminho a gente fale do que aconteceu como uma velha aventura, e de nós mesmos como personagens nela. Como ontem, você foi o dono do bar e eu a cliente. Ou hoje, o homem honesto e a esposa discreta, sócios no crime. *(Pausa.)* Talvez tudo passe como se não fosse verdade, sem o peso, sem a culpa, uma história só entre nós.

SANTANA

É uma promessa?

Silêncio enquanto se olham, muito próximos.

ANA

Que horas são?

SANTANA

(Desviando o olhar.) Duas e meia.

ANA

(Distanciando-se.)

Vou falar com o Valdemar. Fazer meu papel. Você devia fazer o seu.

*ANA coloca a mão sobre a maçaneta, faz menção de sair.
SANTANA a segue.*

SANTANA

Eu espero aqui, a gente tem que acertar os detalhes. Podemos levar dias esperando. Preciso de um pretexto para ficar.

ANA

(Abrindo a porta. Provocadora.) Minta. Já fez antes, não é difícil.

ANA sai, fechando a porta atrás de si. SANTANA permanece no quarto, absorto.

8. INT. SAGUÃO DA POUSADA – DIA

ANA atravessa o corredor e adentra no saguão. Senta-se ao balcão, espera, olha ao redor. Há um copo vazio sobre o balcão. Ninguém no recinto.

BANDEIRANTE surge por debaixo do balcão com uma garrafa de cachaça; ele para no meio do movimento; ambos se entreolham. Ele pousa furtivamente a garrafa bem à frente de ANA, atravessa a entrada do balcão, posta-se ao lado da moça, estende a mão para pegar a garrafa, roçando nela. ANA, retraída pelo avanço dele, se levanta e ruma para a sua mesa, no canto oposto do saguão. BANDEIRANTE se serve e toma quase o copo todo em um gole.

A porta principal se abre e entra ANA SERAFIM (40-50 anos, cabelo curto, vestida com um sobretudo marrom claro), que adentra o recinto e se encaminha para o guichê. BANDEIRANTE a observa. ANA não a percebe. Uma espera breve.

Entra VALDEMAR, correndo para trás do balcão.

VALDEMAR

(Sorriso desengonçado.)

Boa tarde! Em que posso ajudar?

ANA SERAFIM

Um quarto.

VALDEMAR pega o livro de hóspedes sob o balcão.

VALDEMAR

Identidade.

ANA SERAFIM pousa a bolsa no guichê e lhe passa a cédula de identidade; começa a preencher o livro. *VALDEMAR* inspeciona o documento, depois volta o olhar para ANA, sentada à mesa mais distante do guichê.

VALDEMAR

(Para ANA, falando alto.) Olha só dona Ana, sua xará!

Quando ANA se vira para ver quem está ao guichê, seu semblante se altera e, por um momento, ela tenta esconder a surpresa e o temor súbitos que se abatem sobre seu

rosto. ANA SERAFIM se vira, suavemente, para encarar sua xará; sua feição não esboça surpresa alguma. As ANAS se entreolham.

ANA SERAFIM

(Sorriso forçado.) Olá, Xará.

ANA tenta forçar um sorriso em resposta. ANA SERAFIM retorna lentamente para o livro de hóspedes. BADEIRANTE espreita o mútuo estranhamento das ANAS com disfarçado interesse.

VALDEMAR devolve o documento, ela o guarda. Tira um pedaço de papel da bolsa.

ANA SERAFIM

(Entregando o papel a VALDEMAR.)

Você sabe como eu chego nesse endereço?

VALDEMAR

Ah, a quarta Delegacia. Só seguir na estrada, passando a ponte,

não tem erro. (*Aproximando-se.*) O delegado estava aqui agora há pouco.

ANA SERAFIM

(*Fingindo curiosidade.*) É mesmo?

VALDEMAR

Sim. Está numa correria com essa coisa aí do traficante de cigarro. Foi para a capital dar satisfação para os políticos. Aí tem coisas.

ANA SERAFIM

(*Entregando o livro, sem olhá-lo.*) Sabe quando ele volta?

VALDEMAR

Amanhã, eu acho.

VALDEMAR guarda o livro de hóspedes e que devolve o pedaço de papel.

ANA SERAFIM guarda o papelzinho com paciência apática. Na fresta aberta da bolsa, imperceptível a todos do recinto, o cabo de um revólver de pequeno calibre se dá a entrever por um brevíssimo instante. Ela fecha a bolsa.

VALDEMAR entrega-lhe a chave. ANA SERAFIM sai. O dono da pousada volta ao seu livrinho de palavras cruzadas.

Apreensiva, ANA observa sua xará desaparecer no corredor dos quartos.

9. INT. QUARTO 22 - DIA

SANTANA se levanta do estrado da cama quando ouve ANA entrar de supetão.

SANTANA

Falou com ele?

ANA

(Fechando a porta.)

Não posso. Ela está aqui.

SANTANA

Quem?

ANA

A ex-esposa dele.

Silêncio breve. ANA se aproxima de SANTANA.

SANTANA

Ela te viu?

ANA

Sim.

SANTANA

Ela te reconheceu?

ANA

(Hesitante.) Sim.

SANTANA

Valdemar sabe?

ANA

Não.

SANTANA

Então dá para esperar. Você ainda pode receber o...

ANA

(Cortante.)

Ela quer falar com o Delegado. *(Pausa. Contendo a raiva.)* E vai falar assim que ele voltar. Se ela souber do esquema, o dinheiro volta todo para a polícia. E eu saio de mão abanando, de novo.

SANTANA

Eu também saio de mão abanando, *de novo.* *(Pausa. Suspiro resignado.)* Devia ter imaginado que não ia dar certo. Não tem o que fazer.

ANA

Você quer desistir? É isso? Você que descobriu o plano que o Carrasco levou para o túmulo.

SANTANA

Não tem como. Já ficou muito arriscado. Não sei o que ela quer, mas não é por acaso que ela veio justo aqui. Isso é uma cilada.

SANTANA se afasta de ANA.

ANA

O homem honesto tem medo. *(Pausa. SANTANA para)* Medo de se arrepender de novo. De cair na cilada, de falhar. *(Aproxima-se dele.)* Você sabe como se evita uma cilada?

Silêncio.

SANTANA

Não.

ANA

Com outra. Mais rápida, mais imprevisível, mais brutal.

SANTANA a defronta.

SANTANA

E como faz isso?

ANA

O que você sabe dela?

SANTANA

Só o que já falei.

ANA

(Andando com vagar ao redor de SANTANA, como se o envolvesse.)

Que não é nada. Você não sabia, como eu sei bem, que ela estava metida até o pescoço com os negócios do Carrasco. A esposa discreta nunca foi ignorante das tramoias do marido, mas cúmplice nelas. *(Pausa.)* Também não tem ideia de quanta gente ela já convenceu a entrar nos esquemas mais desonestos, e quantos já foram levados a crimes que nunca teriam sido capazes de imaginar sozinhos, tudo em troca de uns trocados e de um belo par de pernas. *(Mais perto dele, sussurrando)* Até contam que ela aliciou garotinhas para os sócios do marido. *(Voltando ao tom de voz normal.)* E Carrasco se gabava de como sua esposa discreta conseguia mexer os pauzinhos para que outros pagassem pelos crimes que ele cometia, armando, mentindo, traindo. Eles nunca foram um casal, foram sócios.

Mas quando um deles naufragou, o outro abandonou o navio levando os espólios. É essa a pessoa que entrou pela porta da frente há apenas alguns minutos.

SANTANA

Mais um motivo para não se meter.

ANA

Você já se meteu! Se meteu quando testemunhou contra Carasco. E sabemos no que deu.

SANTANA

(Defensivo, com raiva.)

Nada que ele já não merecesse!

Silêncio breve. SANTANA se constrange com o que acabou de falar.

ANA

Foi o Delegado que te convenceu disso? Não era o que você achava ontem.

SANTANA

Talvez. Ele tentou. Mas não tem mais o que fazer. Eu vou embora.

ANA

Você quer o dinheiro?

SANTANA

(Hesitante.) Não.

ANA

(Incisiva.)

Fale a verdade. Você quer o dinheiro?! *(Pausa.)* Ainda pode-

mos conseguir.

SANTANA

Como?

ANA

(Aproximando-se dele.)

Eu posso falar com ela. Ela não vai recusar uma conversa em terreno neutro e quieto. Se for sensata, talvez até cheguemos a um acordo. Mas ela vai estar sozinha, eu não. *(Bem próxima dele.)* E aí atacamos.

Silêncio breve.

SANTANA

O que você está sugerindo?

ANA

O que você entendeu.

SANTANA

Não...

ANA

(Cortando.)

Você quer o dinheiro?

SANTANA

Não desse jeito.

ANA

(Intimidadora.)

Se você quer o dinheiro, então você quer ela morta. É simples.

SANTANA

É errado.

ANA

Ela vai pagar pelo mal que ela e o Carrasco fizeram a você e a tantos outros. *Nada que já não merecesse.*

SANTANA a encara como se estivesse hipnotizado. Silêncio breve. Ele desvia o olhar.

SANTANA

Então eu vou me arrepender pelo resto da vida.

SANTANA se afasta, caminhando até a porta; quando encosta na maçaneta, volta-se para ANA.

SANTANA

(Hesitante.)

Eu vou embora hoje à noite. *(Pausa.)* Eu desisti do dinheiro *(Pausa.)*, mas não desisti de você. Se ainda quiser aquela carona, é só vir.

SANTANA dá as costas a ela e sai. ANA, contendo a própria raiva, o vê sumir atrás da porta.

10. INT. SAGUÃO DA POUSADA – DIA/ NOITE

Um dardo atinge a área central do alvo atrás do balcão.

Ainda mais dardos estão dispostos sobre o balcão ao lado da cerveja de BANDEIRANTE. Ele toma mais um gole para depois contemplar o alvo. Arremessa outro dardo.

ANA adentra o saguão pelo corredor, dirige-se ao balcão. Senta-se ao lado de BANDEIRANTE, que a espia de soslaio. Indiferente, ele arremessa outro dardo.

ANA

Por que você veio?

BANDEIRANTE

Eu te conheço, por acaso?

ANA

Para com isso.

BANDEIRANTE

(Indiferente.)

O que que houve?

ANA

Como assim o que houve?

BANDEIRANTE

(Ajeitando-se no assento.)

O que houve para você começar essa conversa?

ANA

(Aproximando-se.)

Algo que eu descobri. Algo novo.

BANDEIRANTE

E o que eu tenho a ver com isso?

ANA

Tudo. Eu sei por que você está aqui. Pelo mesmo motivo que eu.

BANDEIRANTE

E por que você está aqui?

Silêncio breve. BANDEIRANTE ergue o copo.

ANA

(Com suavidade.) Por você.

BANDEIRANTE para com o copo a meio caminho da boca e vira-se para ANA, que solta um sorriso de malícia.

ANA

Eu tenho a sua atenção agora.

BANDEIRANTE

É mesmo impossível dialogar com você.

ANA

Você não achava isso antes.

BANDEIRANTE

(Amargo.)

Não era o diálogo que me interessava.

ANA

Você não era tão cínico também.

BANDEIRANTE

Vem com a idade.

BANDEIRANTE arremata mais um dardo do balcão, faz a mira.

BANDEIRANTE

Você precisa de mim para quê?

BANDEIRANTE arremessa um dardo e acerta bem na área central; toma um gole de vitória.

ANA

Eu sei onde está a grana. (*BANDEIRANTE coloca o copo sobre o balcão ruidosamente.*) Ou melhor: sei como ela vai chegar até nós. Vai vir num pacote que alguém de confiança do Carrasco vai deixar aqui.

BANDEIRANTE

Quando?

ANA

Não sabemos. Pode ser hoje, pode ser semana que vem. O importante é estar alerta.

BANDEIRANTE

E se o pacote só puder ser entregue pessoalmente ao Carrasco? É um tanto óbvio que não vai poder receber.

ANA

Ele era mais esperto que isso. Ele que me pediu para vir aqui e me registrar com o nome da esposa dele. Não explicou por quê, mas não é difícil supor que é justamente para que eu recebesse o pacote por ele caso fosse descoberto ou preso.

BANDEIRANTE faz que vai arremessar outro dardo.

BANDEIRANTE

Ele confiava em você. *(Pausa.)* Que você fez para ele?

ANA

Nada que já não tenha feito com você.

BANDEIRANTE desiste de lançar o dardo. Silêncio breve.

BANDEIRANTE

Por que você fugiu?

ANA

Você é perigoso.

BANDEIRANTE

Não ontem. *(Hesita.)* Da outra vez?

ANA

(Enfática.)

Pela mesma razão.

BANDEIRANTE

Já faz muito tempo. *(Observa o dardo em mãos.)* Como você soube do pacote?

ANA

Valdemar comentou. Ele não sabe de nada, mas fala demais.

BANDEIRANTE

Talvez não seja tão burro como parece. (*Toma um gole, faz mira com o dardo.*) E se algo der errado?

ANA

É por isso mesmo que estou falando com você.

BANDEIRANTE acerta outro dardo no alvo. ANA o observa.

ANA

E temos um problema.

BANDEIRANTE

Ela.

ANA

Você ouviu o que ela disse quando chegou.

BANDEIRANTE

E o que você quer que eu faça?

Ele faz mira com outro dardo.

ANA

O que você faz melhor.

Mais uma vez, o dardo acerta o alvo.

BANDEIRANTE

A única coisa que eu sei.

ANA

Em troca de metade do que estiver no pacote. É como um serviço qualquer.

BANDEIRANTE

E se eu não quiser?

ANA

Você veio coletar, não? E se ela não te deixar?

Silêncio breve. BANDEIRANTE assume um ar pensativo.

BANDEIRANTE

(Melancólico.)

Eu penso se eu só não devia sumir. *(Pausa.)* Para não voltar nunca mais.

ANA

Com as mãos sujas, e nenhuma testemunha para contar.

BANDEIRANTE

(Sério.)

Fale por você. *(Ele a encara.)* Eu aprendi algumas coisas sobre mim mesmo fazendo o que eu faço. Aprendi o que é olhar bem nos olhos de um estranho através do cano da arma. Eu nunca percebi direito o ato em si, o disparo é rápido e limpo: você só percebe o antes e o depois. Mas o que acontece nesse instante está para além do que eu sei dizer. É uma angústia, um desespero, uma inquietude, mas que se torna algo mais: uma euforia obscena, um *frisson* que desponta quanto mais se reprime. Isso é matar alguém, é o segredo obscuro que os mortos dividem com você. *(Pausa. Olha para a bebida.)* Eu vivi demais para seguir adiante, mas ainda não o bastante para largar tudo e sumir para sempre.

ANA

Você mudou muito.

BANDEIRANTE

E você não mudou nada.

BANDEIRANTE enche seu copo.

ANA

Você não respondeu o que perguntei.

BANDEIRANTE

Na verdade, eu respondi, mas você insiste. (*Aproxima-se perigosamente dela.*) Eu aprendi uma outra coisa no meu ofício, que única diferença entre a vítima e o criminoso é a resposta a uma pergunta: quem tem a arma? O resto é sorte.

ANA

(*Quase afirmando.*) Você está comigo?

BANDEIRANTE

Tem outro jeito?

Ela sorri. Aproxima os lábios do ouvido de BANDEIRANTE.

ANA

(*Sussurrando.*)

Quando isso acabar, eu vou mostrar o quanto não mudei.

ANA se afasta. Levanta-se e segue para o corredor. BANDEIRANTE a observa. Arremessa mais um dardo e erra o alvo.

A luz do dia na janela começa a cair. A tarde se exaure no crepúsculo.

VALDEMAR vem vindo pelo corredor trazendo uma pá. ANA dirige-se até ele. BANDEIRANTE os observa conversar na dis-

tância. Não os ouve, mas vê ANA simular um pacote com as mãos e fazer um sinal de "mais ou menos". VALDEMAR assente.

BANDEIRANTE pega outro dardo, faz que vai arremessá-lo, mas desiste. ANA SERAFIM entra pela porta principal. Há um momento brevíssimo em que os olhares das duas ANAS se cruzam por um átimo.

BANDEIRANTE despeja o resto de cerveja no copo antes de voltar novamente sua atenção para ANA SERAFIM, que se senta a uma mesa próxima ao balcão e chama VALDEMAR com um gesto. Este vai atendê-la.

ANA SERAFIM

(Para VALDEMAR.)

Um uísque.

VALDEMAR se encaminha para o balcão, serve mais uma garrafa de cerveja para BANDEIRANTE e começa a servir um copo de J&B.

VALDEMAR

(Para BANDEIRANTE, em confidência.) Eu disse! Ela é esposa do cara!

BANDEIRANTE

Quem?

VALDEMAR

Dona Ana. Ela me contou. *(Saindo com o copo de uísque.)* Está esperando um pacote do falecido.

BANDEIRANTE o observa levar o copo até a mesa de ANA SERAFIM.

BANDEIRANTE toma outro gole de cerveja quando avista *SANTANA* entrando pelo corredor que vem dos quartos, carregando uma mala de mão. *VALDEMAR* posta-se para atendê-lo ao balcão. Ambos falam. *SANTANA* abre a carteira e entrega dinheiro a *VALDEMAR*. *SANTANA* retoma sua mala e segue para a saída. *ANA SERAFIM* o observa enquanto bebe o seu J&B.

Quando passa por BANDEIRANTE, SANTANA o olha por um instante. SANTANA sai da pousada. Já não se vê mais a luz do dia pela janela. A noite acaba de cair sobre todos.

BANDEIRANTE observa a pá que VALDEMAR trouxera escondida do outro lado do balcão.

BANDEIRANTE ensaia mais um olhar furtivo para ANA SERAFIM, que o encara de volta e sorri misteriosamente. Ela ergue seu copo a ele, como num brinde a distância. Ele retribui o gesto antes de voltar-se para o balcão. Pega outro dardo, e faz uma mira. Mas dessa vez acerta num velho relógio de parede, próximo ao alvo, bem no ponteiro dos segundos.

É como se o tempo parasse.

11. INT. CARRO - NOITE

SANTANA entra no carro jogando a mala no banco do carona.

Gotas de chuva se precipitam na janela. SANTANA dá a partida, mas não engata a marcha. Espera. Parece perdido em seus pensamentos.

A chuva se intensifica. As gotas fustigam a janela. SANTANA desliga o motor.

A luz verde na fachada da pousada começa a incidir em seu rosto. Ele confronta, longamente, a fonte dessa luz – sem coragem de partir.

12. INT. SAGUÃO DA POUSADA – NOITE

O som difuso da chuva domina o saguão. No relógio, ponteiro dos segundos continua detido pelo dardo.

Ao copo de uísque vazio sobre a mesa, ANA SERAFIM acrescenta outro, pela metade. VALDEMAR se entretém ao balcão com seu livrinho. A seu lado, BANDEIRANTE acumula duas garrafas vazias.

Mas o tempo morto não dura.

Pela entrada principal, irrompe o GAROTO (16-20 anos, paraguaio, vestindo uma jaqueta de couro encharcada e uma camisa de time), trazendo consigo uma sacola com um objeto anguloso. Ele se encaminha para o balcão. Tanto BANDEIRANTE quanto ANA SERAFIM o acompanham com o olhar.

GAROTO

Tengo este paquete para entregar al señor Henrique Afonso.

VALDEMAR

(Sem jeito.)

Henrique Afonso não tem mais. Ele... (Leva o indicador à cabeça e simula um tiro.) Entende?

GAROTO

No entiendo.

VALDEMAR

(Falando devagar.)

A esposa, esposita, dele que vai receber. Ela está aqui. Eu cha-

mo ela agora.

GAROTO

(Desconfiado.)

No entiendo!

BANDEIRANTE se vira para o GAROTO.

BANDEIRANTE

El señor Henrique Afonso falleció ayer. Su esposa recibirá el paquete por él.

VALDEMAR

É, isso mesmo.

GAROTO

(Ainda desconfiado.)

Sí, pero ¿quién es su esposa?

BANDEIRANTE

Su nombre es Ana Carrasco. Y puedes dejar la encomienda aquí.

GAROTO

¿Qué nombre dijiste?

BANDEIRANTE

Ana Carrasco.

Como se tivesse ouvido uma senha secreta, o GAROTO rapidamente tira um pacote embalado em papel-pardo da sacola e o deixa sobre o balcão. Encaminha-se de volta à entrada, olhando ao redor, desconfiado, e sai.

VALDEMAR guarda o pacote sob o balcão, fora da vista dos

demais. Ele coloca o pacote entregue pelo GAROTO ao lado de um outro pacote, um pouco diferente em tamanho e em tonalidade do papel-pardo. À distância, porém, ambos os pacotes pareceriam indiscerníveis. Ele pega o telefone, disca um número.

VALDEMAR

Sujeito estranho. (Espera.) Alô, Dona Ana. A encomenda de que a senhora falou antes já chegou. Está aqui na recepção, pode vir buscar... De nada.

VALDEMAR desliga o fone. Um momento de espera.

ANA adentra o saguão pelo corredor dos quartos. VALDEMAR tira um dos pacotes do seu esconderijo sob o balcão. BANDEIRANTE, que observa ANA se aproximando, não percebe a troca. VALDEMAR entrega o pacote a ANA.

Discretamente, SANTANA entra pela porta principal com as roupas e o cabelo encharcados. Ao virar-se, ANA avista SANTANA à entrada. Ela estaca e o fita, surpresa. SANTANA sinaliza para ela com a cabeça, como se, em silêncio, a pedisse para ir embora com ele.

BANDEIRANTE se aproxima um pouco de ANA, mas estaca, como se acreditasse que ela virá até ele como o pacote.

Atenta, ANA SERAFIM abre a sua bolsa.

ANA avança pelo saguão. Passa reto por BANDEIRANTE em direção a SANTANA. BANDEIRANTE apenas o percebe ao seguir, com os olhos, o percurso feito por ANA até o rival.

ANA para em frente a SANTANA, como se fosse acompanhá-lo. BANDEIRANTE os fita, perplexo. SANTANA olha para o

pacote e, novamente, para ANA. Mas ele enfim se dá conta da presença de BANDEIRANTE, que os afronta.

BANDEIRANTE puxa uma pistola de seu paletó. ANA SERAFIM coloca a mão dentro da bolsa, onde está seu revólver. BANDEIRANTE, traído, aponta a arma em direção a ANA.

BANDEIRANTE e SANTANA se encaram. VALDEMAR faz um movimento de ir até a gaveta em que está a sua arma, atrás de BANDEIRANTE. Este prontamente se vira e dispara um tiro de advertência.

O tiro atinge bem do lado da antiga marca de bala no quadro, com alguns centímetros de diferença. VALDEMAR apenas interrompe seu gesto, com a mão pairando sobre a gaveta. Ele ergue as mãos vazias à vista de BANDEIRANTE, em desistência.

BANDEIRANTE volta sua arma para ANA.

BANDEIRANTE

O pacote.

ANA hesita. Volta o olhar para SANTANA.

BANDEIRANTE

(Ameaçador.) O pacote!

ANA joga o pacote de tal forma que ele desliza no chão até os pés de BANDEIRANTE, que o recolhe com cautela. Guarda a arma de volta no coldre axilar por baixo do paletó. Todos no recinto o observam sacar um canivete retrátil e abrir um dos lados do pacote. Ele enfia os dedos na fresta aberta. O que ele retira do pacote o deixa atônito: um maço de cigarros paraguaios. Perplexo, faz um rasgo maior e quase desfaz a caixa

toda. Maços de cigarro contrabandeados caem sobre o chão. Um dos maços fica retido em sua mão.

VALDEMAR, com as mãos ainda à vista, observa, contendo o riso. Os demais no saguão parecem tão chocados quanto o pistoleiro.

BANDEIRANTE expõe seu achado para ANA e SANTANA. Em sua mesa, ANA SERAFIM mantém a mão no cabo da arma escondida na bolsa.

BANDEIRANTE

(Sarcástico.)

Era isso que Carrasco tinha para nós: a piada sem graça de um defunto.

Ele assume um ar de estranha resignação. Começa a rir amargamente. Puxa do bolso um isqueiro, cata um cigarro do maço com a boca e o acende. Os demais observam.

VALDEMAR, sorrateiramente, cata uma toalha escondida embaixo do balcão e, com cautela, a coloca sobre o tampo. Abre discretamente a gaveta com sua arma.

Fumando, BANDEIRANTE aproxima-se de ANA.

BANDEIRANTE

Acho que já vivi o bastante. (Pausa breve. Para SANTANA.) Ossos do ofício.

Impassível, BANDEIRANTE segue lentamente para a porta. Todos o observam. O pistoleiro sai para nunca mais voltar.

O silêncio de todos os remanescentes. Só se ouve a chuva que se abate com força sobre tudo lá fora. SANTANA contempla

os cigarros e os pedaços rasgados do pacote jogados ao chão.

VALDEMAR aproveita o momento para pegar, discretamente, sua arma na gaveta. Furtivo, ele tenta escapar pela entrada do corredor ao lado do balcão. Leva consigo o pacote verdadeiro escondido embaixo da toalha.

ANA SERAFIM percebe que VALDEMAR sai para o corredor carregando algo. Ela se levanta e tenta tirar o revólver da bolsa, num gesto de ameaça. VALDEMAR reage, deixa o pacote cair ao sacar sua arma.

Três tiros ecoam. O corpo de ANA SERAFIM tomba no chão. O revólver permanece na bolsa.

SANTANA e ANA se atordoam com os disparos. Quando percebem o que acabou de acontecer, VALDEMAR já está apontando sua arma em direção a ambos. ANA olha fixamente para o corpo de sua xará no chão.

Mantendo a mira no casal, VALDEMAR pega o pacote que deixara cair.

VALDEMAR

Arrastem o corpo!

Os dois cumprem a ordem. O cadáver de ANA SERAFIM é arrastado pelo saguão até a entrada, sob os olhos atentos de VALDEMAR. A bolsa continua presa ao ombro da defunta pela alça. VALDEMAR encosta a arma na nuca de SANTANA.

VALDEMAR

Pega a pá!

SANTANA se levanta, deixando o corpo, segue em direção à pá

escoradas na parede. ANA, cansada, se agachada ao lado do cadáver, apoiando o próprio peso sobre um dos joelhos. Nesse instante, ela entrevê, na bolsa aberta, o cabo do revólver. Depois, torna a observar VALDEMAR atentamente.

VALDEMAR

(Gritando para ANA.) Arrasta ela para fora!

Quando SANTANA pega a pá, VALDEMAR gesticula para que ele abra a porta. VALDEMAR acompanha a ação dele.

No ínterim em que VALDEMAR mantém sua guarda em SANTANA, ANA se joga para sobre a bolsa e puxa a arma.

O tiro estoura o pé esquerdo de VALDEMAR, que berra que perde o equilíbrio. SANTANA aproveita o momento e acerta a pá no rosto de VALDEMAR. Seu corpo despenca pesadamente sobre o chão. Ele derruba o pacote e a sua arma, que escorrega da mão e desliza no chão para perto de SANTANA, que recolhe.

Sem que SANTANA veja, ANA esconde o revólver no bolso de seu casaco.

Atordado, VALDEMAR ainda tenta se levantar, sem sucesso. Quando consegue se reequilibrar sobre um dos joelhos, SANTANA já lhe aponta a arma no rosto ensanguentado. ANA o cerca por trás e recolhe o pacote do chão.

VALDEMAR

(Gritando para SANTANA.) Vocês não vão levar o pacote!

ANA e SANTANA se entreolham. VALDEMAR tenta, em vão, estancar o sangue que escorre pela face com a mão.

VALDEMAR

Assim que vocês saírem por aquela porta, eu chamo a polícia. Até você, Santana, pode matar. *(Aponta o dedo para o cadáver.)* Como matou a dona Ana Serafim. A arma está na sua mão, você roubou ela de mim! São as suas impressões nela agora. *(Pausa. Solta um urro de dor.)* Se você fugir com a grana, que motivo melhor para te incriminar? Vai ser a minha palavra contra a sua. E quem vai acreditar na palavra de um ladrão!

SANTANA parece atônito com a ameaça. Deixa-se tomar por um ódio súbito contra VALDEMAR.

SANTANA

(Enfurecido.)

E que tal a palavra de um ladrão contra o silêncio de um morto?

SANTANA pressiona a arma contra o enorme hematoma no rosto de VALDEMAR. Ele berra de dor.

SANTANA recua a arma, mantendo a mira. VALDEMAR ofega em desespero. ANA observa, apreensiva.

Silêncio breve.

SANTANA aperta o gatilho.

Ao invés do disparo, um clique seco – a arma falha.

SANTANA abaixa o revólver, parece incrédulo com o que quase fizera. VALDEMAR começa a rir da situação, em desespero. Sua arma velha o salvava.

O semblante de SANTANA se altera radicalmente. Olha para ANA, depois para VALDEMAR.

SANTANA

E se eu contar outra história, Valdemar? *(Pausa.)* Uma história em que um homem honesto, ou o que resta dele, entrega esse mesmo pacote à delegacia ao invés de fugir com um morto nas costas?

ANA dá um passo em direção a SANTANA.

ANA

(Incrédula.)

Você vai devolver para a polícia!?

SANTANA

(Ameaçador.)

Nós dois vamos.

ANA

(Envolvendo o pacote.) Depois de tudo?

Silêncio. Olhar de SANTANA é cortante.

SANTANA

Nós dois levamos. (Pausa.) Ou eu vou levar sozinho.

ANA olha por um instante a velha arma que SANTANA tem em mãos.

SANTANA

(Ameaçador.)

Não vai falhar de novo.

Relutante, ANA entrega o pacote a SANTANA. Ele dá uma última olhada no semblante humilhado de VALDEMAR, que apenas tenta estancar o sangramento.

ANA, sorrateiramente, leva a mão ao bolso do casaco, onde escondera o pequeno revólver que tomara da bolsa. Mas antes que possa fazer qualquer coisa, SANTANA se volta para ela.

SANTANA

Você não vem então?

ANA

E se eu quiseser uma carona?

SANTANA

Para onde?

ANA

Para a rodoviária. Você me deixa lá?

SANTANA

Sim.

Ele se encaminha para a porta.

ANA

Muita coisa pode acontecer até lá.

SANTANA abre a porta de correr com a mesma mão em que leva a arma.

SANTANA

(Segurando a porta.)

Muita coisa já aconteceu até aqui.

ANA se detém bem à frente de SANTANA. Ela o encara como se o desafiasse, sua mão ainda abrigada no bolso do

casaco. Ele continua a lhe segurar a porta.

ANA sai. SANTANA a segue, cerrando a porta atrás de si.

VALDEMAR e o corpo, a sós, no recinto.

Só a chuva se faz ouvir em meio ao silêncio dos vivos e dos mortos.

[FIM]



Miolo impresso em papel avena 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

Em uma noite tempestuosa, Nicolau Santana, um motorista misterioso, dá carona a Ana Carrasco, uma mulher enigmática, em uma estrada isolada. Ao longo da curta viagem até uma pousada com néon verde, a conversa entre eles revela mais perguntas do que respostas. Ana, que afirma nunca ter estado na região, parece conhecer a área melhor do que admite, enquanto Nicolau, alegando “negócios” como motivo de sua viagem, esconde segredos por trás de sua barba rala e jaqueta preta.

O AUTOR

Atua como tradutor, escritor, cineasta e crítico desde 2013. Roteirizou e dirigiu o curta documentário “Ensaio” (2016), o média-metragem de ficção “Esperando Magrão” (2018) e o longa-metragem de ficção “O prisioneiro” (2023). É sócio da produtora paranaense Filmes do Asilo Febril.

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-100-9



9 786554 221009 >